

A BROUSSE E SEUS HABITANTES: CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DOS ANIMAIS NA OBRA DE RENÉ MARAN

Rosária Cristina Costa RIBEIRO*

RESUMO: Este estudo é fruto da série de trabalhos apresentados como parte das comemorações aos cem anos do romance *Batoualá*, de René Maran, com o objetivo de divulgar a obra desse autor em nosso país. Assim, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a representação dos animais, em especial do cachorro, na obra romanesca do autor, mais especificamente em seu romance, *Djumá, cão sem sorte* (1927/1934) e na novela *"Boum, le chien et Dog, le bouffle"* (1941), para constituir nosso *corpus*. A perspectiva teórica utilizada destaca a representação dos animais e foca nas aproximações entre seres humanos e não humanos, tendo como base as obras de Maciel (2016), Milanesio (2020), Asaah (2008) e Constantini (2007). Ao nos concentrarmos na representação do cachorro e sua relação com os outros seres nessas narrativas, ficou aparente sua semelhança com as caracterizações de outros cães presentes na literatura latino-americana, de modo especial com a cachorra Baleia, personagem do romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Assim, partindo dessas aproximações e das representações estabelecidas em nossas análises, pudemos observar, além dos mecanismos da própria construção dessas personagens, a simbiose entre o cachorro e ser humano; e como esse vínculo faz parte da própria constituição dessas personagens caninas.

PALAVRAS-CHAVE: René Maran. *"Boum, le chien et Dog, le bouffle"*. *Djumá, cão sem sorte*. Zooliteratura. Cachorro. *Vidas Secas*.

Quase desconhecida no Brasil, explorar a obra de René Maran é mergulhar entre três mundos: o mundo europeu, francês, ocidental, **escolhido** por Maran

* UFAL - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras - curso de Licenciatura em Letras-Francês. Maceió - AL - Brasil. 57072-900 - rosariacosta@gmail.com. Possui graduação em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela mesma universidade. Foi bolsista CAPES-PDSE na Université de Montpellier 3 (Groupe RIRRA 21, ano 2012). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua francesa e suas literaturas, romance histórico, categorias da narrativa e formação de professores.

para a sua vida; o mundo da América Latina e o da África em sua porção central, ambos tropicais, equatoriais¹, ocidentalizados, marcados por uma relação profunda com a natureza e seus entes, e ligados ao autor por seu nascimento e por sua vivência. Neste artigo, nosso foco recai exatamente sobre esses dois últimos espaços, em especial o africano, que caracteriza o ciclo de narrativas que podemos classificar como “*Cycle de la brousse africaine*”, na expressão cunhada por Charles Scheel (2021)^{2,3}. Nessas narrativas, mesclam-se romances, novelas e contos, Maran se esforça por nos mostrar a África subsaariana no momento de chegada do “homem branco de pele”, a partir do ponto de vista daqueles que já habitavam a *brousse*⁴, e não o inverso, como ocorria em geral nos romances ditos coloniais, publicados entre o final do século XIX e início do XX. Pelo contrário, a maioria de suas narrativas desse ciclo iniciam-se registrando os cursos naturais e a hierarquia estabelecida ancestralmente entre os habitantes da *brousse*, como comunidades híbridas (MACIEL, 2016), e geralmente se encerram com a quebra desses ciclos pelo “homem branco de pele” e seus “bastões de trovão”.

Dessa forma, partindo dessas considerações iniciais, nosso objetivo geral neste artigo é, ao entrelaçar algumas categorias narrativas como foco narrativo, espaço e personagens, propor uma análise da *brousse* maraniana por meio de um dos seus habitantes mais curiosos: *le chien de brousse*. Assim, em um segundo momento de nossa análise da constituição dessa representação canina, construímos um paralelo com a literatura brasileira por meio de suas semelhanças com uma personagem muito conhecida e querida de nosso bestiário: a cachorrinha Baleia. Portanto, este artigo apresenta algumas breves considerações sobre a *brousse* maraniana, para chegarmos às nossas propostas de representações caninas em duas obras de René Maran: *Djouma, chien de brousse* (*Djumá, cão sem sorte*⁵, tradução portuguesa publicada no Brasil em 1934), 1927, e “*Boum, le chien et Dog, le bouffle*” (conto presente na obra *Bêtes de la brousse*⁶), de 1941, ainda sem tradução, comparando o

¹ Neste texto utilizaremos preferencialmente a denominação tropical para marcar ambas as regiões, a equatorial e a tropical.

² Um deles é precisamente o conjunto de textos ficcionais que proponho chamar de “o ciclo da *brousse* africana”, que se distingue da poesia, ensaios, biografias históricas e outros textos ficcionais de natureza fortemente autobiográfica, dos quais o romance *Un Homme pareil aux autres* é o resultado mais conhecido (SCHEEL, 2021).

³ As traduções apresentadas neste artigo são traduções livres de nossa autoria.

⁴ Optamos por manter a palavra ‘*brousse*’ em vez de traduzi-la para o português por se tratar de um ecossistema específico, que teria certa semelhança literária com a vereda, eternizada pela obra de Guimarães Rosa. Em português, esse termo variou nas traduções encontradas por nós desde caatinga à savana.

⁵ Confira Maran (1955).

⁶ Confira Maran (1941).

A *brousse* e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

estabelecimento dessas personagens caninas nessas narrativas com aquela de *Vidas secas*⁷, romance de 1938, de Graciliano Ramos.

Destarte, ao nos determos sobre os aspectos da narrativa que compõem essas obras, percebemos que as produções do *cycle de la brousse africaine* representam um cronotopo que marca intensa atividade colonizatória francesa naquela porção de África, mais especificamente na região entre os rios Oubangui-Chari, atual República Centro-Africana, entre os primeiros anos do século XX até a metade desse mesmo século. É preciso dizer que esse cronotopo literário coincide com a trajetória pessoal de René Maran. A partir de 1909, ele torna-se administrador colonial exatamente nessa região, deixando esse posto dois anos depois da publicação de *Batouala*⁸, de 1921. Assim, sua riqueza narrativa tem um certo vínculo com sua ocupação profissional. Segundo Florent Sohi Blesson (2018), em seu artigo “*René Maran et la nature: essai d’analyse historique de deux bêtes de la brousse*”, Maran, enquanto administrador colonial, tinha acesso às *monographies de cercle*⁹, relatórios administrativos que “[...] a pour objectif de fournir le maximum de renseignements sur la région administrative.” (BLESSON, 2018, p.75)¹⁰. Esses textos continham um grande número de informações sobre “[...] *Histoire politique; organisation politique, administrative et judiciaire; organisation administrative et judiciaire coloniale; potentialités géographiques; potentialités économiques; main-d’œuvre; commerce; religion; langue, et enfin, instruction publique.*” (BLESSON, 2018, p. 76)¹¹. Dessa forma, Blesson (2018) ainda reforça que é nesse fato que, ao menos no que diz respeito às questões ecológicas e, especificamos, de representação da natureza, se pode enxergar a ideia de que a figura do escritor foi influenciada pela do administrador.

Por outro lado, a representação desse espaço e sua oposição em relação à savana nos leva a refletir sobre como a *brousse* representa o mato fechado, o ambiente inóspito, ao contrário da savana, aberta, e, aqui ousamos dizer, do bosque europeu *aménagée*. Conhecer à *brousse* não é um passeio refrescante de uma tarde de primavera, mas, sim, entrar em contato com a natureza ainda não dominada, não domada, e por isso mesmo mais imprevisível e que mede forças

⁷ Confira Ramos (2013).

⁸ Confira Maran (1921).

⁹ Monografias (relatórios) de sítio.

¹⁰ “[...] termo como objetivo fornecer o máximo de informações sobre a região administrativa.” (BLESSON, 2018, p.75).

¹¹ “[...] História política; organização política, administrativa e judiciária; organização administrativa e judiciária colonial; potencialidade geográficas; potencialidades econômicas; mão-de-obra; comércio; religião; língua, e em fim, instrução pública.” (BLESSON, 2018, p. 76).

de igual para igual com todos os seus habitantes. Na *brousse*, não há dominantes ou dominados: todos tem seu lugar ao sol e enfrentam as mesmas dificuldades, humanos e não-humanos, em comunidades híbridas. Bem, isso até a chegada do “bastão do trovão” trazido pelo “homem branco de pele”, como já registramos.

Os cães surgem na obra de René Maran

As narrativas em que temos representados os animais e a *brousse* são numerosas na produção de René Maran, como antecipamos. Desde seu primeiro romance, *Batouala*, de 1921, passando por *Djouma, chien de Brousse*, 1927, *Le Livre de la brousse*, 1934, *Bêtes de la brousse*, 1941, *Mbala, l'éléphant*, 1943, livro de ilustrações, até *Bacouya, le Cynocéphale*¹², 1953, podemos reconhecer os romances do *cycle de la brousse africaine* e perceber que estes se prolongam por toda carreira do escritor.

Nessas obras, a *brousse* e seus habitantes são dominantes. Segundo Milanésio (2020), ao utilizar um estilo muito próprio, o narrador vai tramando o texto por meio da paisagem e da apropriação dessa paisagem pelos seus habitantes, mesclando trechos de discurso direto com trechos de discurso indireto livre, reforçando assim um certo grau de mimese, se considerarmos uma narrativa realista que dá voz aos sentimentos e às emoções dos animais.

Essa ambiguidade percorre tanto o narrador, entidade ficcional, quanto o próprio autor, ser responsável pela produção da obra, pois não podemos perder o foco de quem era o autor e de qual era seu lugar de fala, bem como de seus leitores: um homem imbuído da cultura ocidental e entusiasta do poder civilizador da colonização. Portanto, por meio de suas experiências pessoais, o autor tem contato com as ambiguidades e problemas desse sistema, o que se reflete em seu narrador: “*Le narrateur commente donc et utilise des mots qui reflètent l'ambiguïté d'un homme qui croit au système dont il fait l'expérience, mais dont il saisit le mauvais fonctionnement.*” (MILANESIO, 2020, p. 172)¹³.

Enfin, les héros : les victimes du système colonial. Il s'agit de l'ensemble de la faune, une communauté externe par rapport aux groupes sociaux impliqués dans la colonisation, les Européens et les Africains. La voix des Blancs est complètement effacée de la narration : René Maran élimine les mots de la classe dominante qui

¹² Confira Maran (1921, 1955, 1934, 1941, 1943, 1953).

¹³ “O narrador comenta, pois, e usa palavras que refletem a ambiguidade de um homem que acredita no sistema que ele conhece, mas cujo mau funcionamento ele consegue captar.” (MILANESIO, 2020, p. 172).

A brousse e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

sont élitistes, éternels et, n'admettant pas un échange d'idéaux, éteignent la lutte sociale (Volosinov 1980). Apparemment, les animaux ne présentent qu'une vision partielle des sujets impliqués dans la période coloniale. En réalité, leur polyphonie donne voix aux points de vue multiples des colonisés, de la nature et de l'auteur ; ce dernier représente le colon philanthrope. Ainsi, d'une représentation fragmentée et partielle, Maran donne une vision globalisante et critique du monde colonial. En outre, la polyphonie des bêtes de la brousse sert à protéger l'auteur de ses accusations envers le système colonial : il prend ses distances et n'assume pas la responsabilité des critiques présentées. En effet, le point de vue du narrateur/auteur s'exprime à travers les consciences des personnages animaliers. [...] Ces types de dialogues montrent les deux idéologies qui cohabitent dans l'animal : les valeurs de la classe dominante (les colons) et celles de la classe faible (les bêtes). [...] La prise de conscience des aspects négatifs du système colonial se réalise parfois comme dialogue sous forme de question/réponse à une seule voix. L'animal dresse une confrontation entre la culture coloniale avec ses valeurs et ses stéréotypes et la réalité de la brousse dans laquelle il vit . (MARAN, 1953, p.14-17, apud MILANESIO, 2020, p. 173-174)¹⁴.

Para Milanesio (2020, p. 172), essa heterogeneidade e consequente polifonia narrativa, bem como a ausência de diálogos entre colonizadores e colonizados, permite evitar confrontos ideológicos e manter o autor em sua posição um tanto incômoda para a comunidade negra até hoje. Dessa forma, fragmentando as percepções sobre o processo colonial por meio desse mosaico que compõe essa polifonia, o narrador evita ser o porta-voz dessas impressões e que seja conectado diretamente à voz do autor.

Assim,

¹⁴ “Finalmente, os heróis: as vítimas do sistema colonial. Eles são a fauna como um todo, uma comunidade externa aos grupos sociais envolvidos na colonização, os europeus e os africanos. A voz dos brancos é completamente apagada da narrativa: René Maran elimina as palavras da classe dominante que são elitistas, eternas e, não admitindo uma troca de ideais, extinguem a luta social (Volosinov 1980). Aparentemente, os animais apresentam apenas uma visão parcial dos sujeitos envolvidos no período colonial. Na realidade, sua polifonia dá voz aos múltiplos pontos de vista do colonizado, da natureza e do autor; este último representa o colonizador filantropo. Assim, a partir de uma representação fragmentada e parcial, Maran dá uma visão global e crítica do mundo colonial. Além disso, a polifonia dos animais da brousse serve para proteger o autor de suas acusações contra o sistema colonial: ele se distancia e não se responsabiliza pelas críticas apresentadas. De fato, o ponto de vista do narrador/autor é expresso através das consciências dos personagens animais. [...] Estes tipos de diálogos mostram as duas ideologias que coexistem no animal: os valores da classe dominante (os colonos) e os da classe fraca (os animais). [...] A consciência dos aspectos negativos do sistema colonial é às vezes realizada como um diálogo na forma de uma pergunta/resposta de uma só voz. O animal estabelece um confronto entre a cultura colonial com seus valores e estereótipos e a realidade do matto em que vive. (MARAN, 1953, p.14-17, apud MILANESIO, 2020, p. 173-174).

Si le narrateur exprime rarement des jugements directs sur les personnages ou sur les événements décrits, il rapporte, par contre, quantité d'opinions exprimées par des personnages (humains ou animaux), soit dans les dialogues et dans les chants insérés dans le récit (par exemple ceux improvisés par les hommes dans les champs pour se moquer de quelqu'un), soit par le truchement du discours indirect, lorsque le narrateur focalise le récit par un personnage. (SCHEEL, 2021)¹⁵.

Dessa forma, nas narrativas analisadas por nós neste trabalho, o ponto de vista acaba recaindo sobre as figuras não humanas. Em outras palavras, são Djumá e Boum os responsáveis principais pelo desenrolar das narrativas como protagonistas, que têm todos os seus pensamentos vigiados por meio de um narrador heterodiegético e onisciente e do discurso indireto livre. Sobre a capacidade narrativa do cachorro, Constantini (2007) nos lembra que

Maran pousse plus loin [...] la libération individuelle du chien narratif de sa condition animale (non-humaine) : à travers la présence de son point de vue sur les événements, il le fait participer à l'activité narrationnelle ; à travers le recours au discours indirect libre pour manifester ses pensées, il le fait participer à l'énonciation et, de la sorte, il lui fait partager le niveau linguistique, le niveau humain par excellence, fondé sur la double articulation linguistique et non seulement sur la simple faculté de langage, que l'on reconnaît communément aux animaux aussi. (CONSTANTINI, 2007, p. 108)¹⁶.

Dessa maneira, o uso do discurso indireto livre reforça a imagem de que os animais, seja qual for sua origem, são capazes de denunciar as atitudes humanas, pois a mobilidade lhes permite o que podemos chamar de onisciência.

Foi exatamente essa mobilidade que também permitiu a essas personagens caninas mimetizarem-se tão bem com seu ambiente, ambiente este que acaba sofrendo uma expansão e dominando a narrativa, como uma personagem. Essas mesmas características estão presentes também em Baleia, como já alertamos

¹⁵ “Embora o narrador raramente expresse julgamentos diretos sobre os personagens ou os eventos descritos, ele relata uma série de opiniões expressas por personagens (humanos ou animais), seja em diálogos e em canções inseridas na narrativa (por exemplo, aquelas improvisadas por homens nos campos para fazer troça de alguém), ou pelo intermédio do discurso indireto, quando o narrador focaliza a narrativa através de um personagem.” (SCHEEL, 2021).

¹⁶ “Maran leva mais longe [...] a libertação individual do cão narrativo de sua condição animal (não-humana): através da presença de seu ponto de vista sobre os acontecimentos, ele o faz participar da atividade narrativa; através do uso do livre discurso indireto para expressar seus pensamentos, ele o faz participar da enunciação e, desta forma, ele o faz compartilhar o nível linguístico, o nível humano por excelência, baseado na dupla articulação linguística e não apenas na simples faculdade da linguagem, que é comumente reconhecida também nos animais.” (CONSTANTINI, 2007, p. 108).

A *brousse* e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

inicialmente. Essas semelhanças entre as personagens, na verdade, são alguns dos elementos passíveis de comparação entre a obra de René Maran e as obras de literaturas latino-americanas, pois muitos são os pontos que reforçam os laços entre os dois lados do Atlântico ao considerarmos os cães nas obras escolhidas.

Como podemos perceber, René Maran, na maioria dos casos citados, já inclui a presença do animal no título de sua obra como prenúncio do que se constituirá no enredo em que os animais ocupam a função de personagens, quase sempre protagonistas.

Dans la mesure où la métaphorisation animale part de significations locales et universelles, ou mieux de connotations plus ou moins partagées, insérer les animaux dans le titre ou construire son histoire autour d'eux, c'est stratégiquement partir du connu, d'une image socialisée, pour élaborer un univers esthétique et idéologique [...] Souvent reflétant le contenu ou servant à évoquer des images populaires ou mythiques, le titre joue un rôle central dans le déchiffrement du sens des œuvres. (ASAAH, 2008, p. 35)¹⁷.

Esses cães se ligam ao espaço romanesco de muitas formas. Porém, chama sempre a atenção a ponte que se estabelece entre os animais humanos e não humanos, sempre de alguma forma tocados pela ambiguidade dessa relação.

Retenons que la terre dont seront faites les briques de cette case aura été humidifiée avec le sang d'un chien, victime sacrificielle souvent associée dans ces cultures africaines à l'idée d'une créature qui n'est ni complètement de village ni complètement de brousse. (CARTRY, 1993, p.11)¹⁸.

Já no que diz respeito à criação das personagens, é importante salientar que diversos são os procedimentos utilizados por Maran ao compor essas personagens, criando essa instabilidade que dá vazão à ambiguidade. Aqui concordamos com Milanesio (2020) e discordamos de Scheel (2021) ao defendermos que o autor não se limita à humanização dos animais, como ocorre nas fábulas, mas há a

¹⁷ “Na medida em que a metaforização animal parte de significados locais e universais, ou melhor de conotações mais ou menos compartilhadas, inserir animais no título ou construir sua história ao seu redor é estrategicamente partir daquilo que é conhecido, de uma imagem socializada, para elaborar um universo estético e ideológico [...] Muitas vezes refletindo o conteúdo ou servindo para evocar imagens populares ou míticas, o título desempenha um papel central na decifração do significado das obras.” (ASAAH, 2008, p. 35).

¹⁸ “Lembremos que a terra da qual os tijolos desta cabana serão feitos terá sido umedecida com o sangue de um cão, vítima sacrificial muitas vezes associada nestas culturas africanas com a ideia de uma criatura que não é nem completamente da aldeia nem completamente da *brousse*.” (CARTRY, 1993, p.11).

manutenção da animalização e, no caso de alguns animais, o silenciamento, formando, assim, uma narração heterogênea do ponto de vista da técnica adotada para a composição dos personagens não-humanos.

Outro ponto importante para a construção dessas personagens é que nesses romances citados, em geral, não há um animal inferior ao outro, mais importante ou mais benquisto. Todos têm o seu papel na *brousse*, desde as formigas-cadáver até Mbala, o elefante. Não há nem a vitimização nem a heroicização dos animais. Entretanto, os homens, tanto o preto de pele quanto o branco de pele, são vistos sempre com mais desconfiança. Porém, essa desconfiança é fruto das ações empreendidas por eles ao longo das estações secas e de cheia. Entretanto, essa desconfiança também é acompanhada por momentos de redenção, como no caso da morte de Djumá, em que ele pensa em recorrer ao homem branco de pele para sua salvação, ou quando Boum ajuda os humanos durante a caça a seu amigo Dog.

Essa convivência entre animais humanos e não humanos é um dos fios que unem África e América em um ponto que se opõe ao mundo ocidental e antropocêntrico, que pode ser sintetizado pela presença de comunidades híbridas. Nesse tipo de comunidade, sinteticamente, convivem em sintonia e igualdade entre humanos e não humanos. Ponto comum aos povos originários da América e de África é esse tipo de comunidade, conforme conceituada por Dominique Lestel em sua obra *L'Animalité*, de 2007, e divulgado no Brasil por meio do trabalho de Maria Esther Maciel. Segundo esses pesquisadores, as “comunidades híbridas” têm “[...] como referência principal as sociedades mistas e interespecíficas formadas ao longo dos séculos, sobretudo no mundo rural e selvagem, em tempos anteriores ao triunfo da ruptura cartesiana entre homem e animal, humanidade e animalidade.” (MACIEL, 2016, p.68). Essa ruptura está na base do conceito de antropocentrismo.

Autrement dit, le système anthropocentrique occidental différencie, dans l'ensemble de l'environnement, les hommes des autres sujets non-humains. En revanche, les populations indigènes n'appliquent pas cette division : leur système apparaît accueille le vivant, le non-vivant, le visible, l'invisible, l'humain mais aussi le non-humain (ONWUDINJO 2015, 510). L'homme est donc partie intégrante de la nature et du milieu broussard. (MILANESIO, 2020, p. 175-176)¹⁹.

¹⁹ “Em outras palavras, o sistema antropocêntrico ocidental diferencia o ser humano de outros sujeitos não humanos no meio ambiente. Por outro lado, os povos indígenas não aplicam esta divisão: seu sistema parece acomodar o vivo,

A *brousse* e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

Para impor sua cultura antropocêntrica, centrada na superioridade europeia, os colonizadores impõem seu modo de organização, língua, administração, considerando a partir daí tudo o que lhe é alheio como improdutivo, selvagem, execrável ou indigno de existir. Daí a importância, por exemplo, do estilo maraniano que mistura um francês refinado com línguas autóctones, especialmente para caracterizar as personagens, por meio de seus nomes, se contrapondo ao romance colonial mais exótico, com personagens dóceis, amáveis, educadas, “à *la manière de gracieux animaux*” (CHAUMEIX, 1922, p.4)^{20 21}.

Dessa forma, as considerações trazidas por Milanesio (2020) podem responder à questão colocada por Maciel (2016, p. 63) em sua obra *Literatura e animalidade*: “[...] o que o tratamento dado aos animais revela sobre as pessoas?” Podemos interpretar a obra de René Maran buscando essa resposta e chegar ao ponto de que os não humanos representam aqueles que, mesmo sendo *homo sapiens sapiens*, não são vistos como humanos, numa forma de lhes dar voz e vez na literatura.

Para Maciel (2016), a humanização dos aspectos animais consistiria no “amansamento antropomórfico e moralizador” da zooliteratura ocidental. Nesse ponto, perguntamos: a literatura do ciclo da *brousse* de Maran é ocidental? Ou simplesmente ele volta às comunidades híbridas, atribuindo sentimentos e capacidades aos animais que o antropocentrismo nega? A professora, pesquisadora e escritora argumenta sobre essa questão exatamente por meio da personagem Baleia, com a qual vemos tanta proximidade com Djumá e Boum. Assim,

Exemplar, sob esse prisma, é a cadela Baleia, de *Vidas secas* (1938), que os críticos em geral teimam em caracterizar como um animal humanizado, por considerarem que as qualidades emocionais, comportamentais e cognitivas por ela apresentadas na novela são atributos exclusivos dos humanos e impróprias quando usadas para descrever um animal não-humano. O que confirma a assertiva de Dominique Lestel de que ‘sentimos uma grande dificuldade em aceitar a ideia de que o comportamento animal pode ser extremamente complexo’. [...] Essa mistura [da comunidade híbrida] torna difícil identificar os limites entre o humano e o animal nos personagens do

o não-vivo, o visível, o invisível, o humano, mas também o não-humano (ONWUDINJO 2015, 510). O homem é, portanto, parte integrante da natureza e do meio ambiente da *brousse*.” (MILANESIO, 2020, p. 175-176).

²⁰ “à maneira de graciosos animais”. (CHAUMEIX, 1922, p.4).

²¹ Referência citada por Ferroudja Allouache em conferência durante CLEF - Colóquio de literaturas e estudos francófonos de 16 de junho de 2021 a 18 de junho de 2021.

livro, uma vez que a humanidade de um se confunde com a animalidade do outro, independentemente da espécie a que pertence. E é nesse sentido que não se pode afirmar categoricamente uma antropomorfização de Baleia. (MACIEL, 2016, p. 83-84).

Assim, a aproximação de Boum e Djumá com Baleia vem exatamente no intuito de tentar mostrar uma possível leitura em que esses animais, domesticados, não são antropomorfizados, frutos de literatura ocidentalizadas, mas não essencialmente ocidentais, mas, sim, apenas animais, aos quais o narrador tenta dar voz e vez.

Leituras cruzadas: Djumá e Boum: cães com uma pitada de Baleia

Ao aproximar Boum e Djumá em nossas leituras, percebemos grandes semelhanças com uma personagem muito conhecida em nossa literatura brasileira: Baleia. A personagem de Graciliano Ramos (1892-1953), criada em 1937 no conto homônimo, é uma das protagonistas do romance *Vidas secas*, publicado no ano seguinte.

Resumindo de forma bem sucinta, temos nessas narrativas três cães, que vivem histórias marcadas pela violência, pela fome e por sua integração ao meio em que vivem. Além dessas características, a forma de criação das personagens também é muito próxima, pois tratam-se de seres não humanos que expressam sentimentos e emoções por meio do discurso indireto livre, com exceção de Boum, que tem uma fala em sua língua ‘*ouah-ouah*’ (*au-au*, em português).

Essas narrativas confluem quase para o mesmo enredo básico: companheiros de seus mestres, esses cachorros vivem uma vida ambígua, entre a liberdade e a servidão, seja na *brousse* africana, seja na caatinga alagoana, passando da casa para a mata, da mata para a casa. O romance *Djumá, cão sem sorte* dialoga em seu enredo com o romance *Batouala*, e mostra uma narrativa quase coincidente com a deste último, porém vista a partir do ponto de vista do cão de Batoualá. Djumá, fielmente ao lado de seu mestre, vive uma vida de errância e fome, pontuada de pequenas alegrias, sobretudo nos momentos em que lhe é permitido acompanhar seu mestre em passeios e caçadas. Depois de uma fuga da aldeia em que viviam, Djumá busca auxílio em uma comunidade vizinha e inimiga, sendo rechaçado. Frágil, o cão busca abrigo junto ao “homem branco de pele”, negando suas relações com o “homem negro de pele” e a *brousse* como um todo.

A *brousse* e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

Ao final, Djumá morre cercado em um incêndio durante um cerco a sua antiga aldeia: “A caatinga vingara-se. Seu filho havia desertado. Ella [*sic*] porem [*sic*] o reconquistou de modo brutal e selvagem.” (MARAN, 1934, p. 236).

Já a novela que conta a história de Boum e de Dog alterna entre dois pontos de vista: o do cachorro e o do búfalo. Boum, vivendo entre os animais humanos, visita regularmente a *brousse* onde conquista a amizade e a confiança do búfalo Dog, que vive em plena liberdade natural. O caráter ambíguo do cachorro e a aceitação do equilíbrio das comunidades híbridas, em sua simbiose com o ambiente da *brousse*, leva-o a colaborar com os humanos na caçada de Dog, que o reconhece e recebe seu carinho pouco antes de perecer e alimentar toda a aldeia, inclusive o próprio Boum.

Por fim, para evocar rapidamente a narrativa na qual Baleia se inscreve em *Vidas Secas*, temos uma cadela que junto a uma família migrante vai percorrer a caatinga em busca de sobrevivência, lutando contra a fome e as agruras de um ambiente difícil. Entre um lugar de pouso e outro, Baleia faz incursões pela cidade, janta o próprio amigo papagaio e auxilia seu mestre em momentos de caçada, assim como Boum e Djumá,

Para este artigo, selecionamos os principais trechos de descrição de Djumá, Boum e Baleia de modo a poder comparar sua constituição enquanto personagens marcados por uma vida de sofrimento e também de esquecimento. Para desenvolver tal análise, partiremos da comparação do léxico e de expressões utilizadas.

A representação de Djumá é calcada em sua genealogia: as comparações com sua mãe, Mbimê, e seu irmão, Yavrr, são preponderantes para compreendermos a situação de Djumá, como no trecho “Descarnado e definhado, parecia agora a branca Mbimê.” (MARAN, 1955, p. 162). Além da semelhança física, podemos perceber como a situação representada se perpetua pelas gerações. Situação, esta, de flagrante fome e aparente abandono, pois, enquanto animais, humanos e não humanos passam a sofrer das mesmas agruras impostas pelo ambiente: “Desde então, como sua mãe, arrastava-se por toda parte, á [*sic*] procura de comida. Em vão. Tinham-se esquecido dele. Melhor: ignoravam-no.” (MARAN, 1955, p.162).

Assim, o esquecimento, ou o apagamento, imbrica-se na narrativa do cão. Porém, se ele é esquecido, como parte de um ciclo natural, ele também esquece:

[...] Djumá não se lembrava mais deste nome. Yavrr desaparecera [*sic*] desde muito tempo de sua memória, como aliás, a branca Mbimê, apesar [*sic*] de

haver morrido ante seus olhos, no declínio da última [sic] estação de chuvas... Abriram-na e esquartejaram-na em sua presença; ele mesmo lhe bebera o sangue. Batualá e as crianças atiraram-lhe por fim os ossos dela, como sobremesa [sic]. E ele os roera e trincara vorazmente, pois tinha fome... Quanto ao mais, não se lembrava (MARAN, 1955, p. 201).

Portanto, Djumá, como dissemos, é um exemplar desse animal que, mesmo em companhia de animais humanos e servindo a estes, vivendo em uma comunidade híbrida, sofre dos mesmos problemas e sente em sua pele a competitividade pela sobrevivência. Esse é também o retrato de Boum, na novela maraniana, caracterizado pela fome: “*Boum n'avait que faire de ces bruits trop connus, de ces frémissements obscurs. Il avait faim. Une seule chose comptait à ses yeux : manger.*” (MARAN, 1941, p. 157)²².

Entretanto, longe das estações de seca, há momentos de bonança, quando outra espécie pode dispor dos restos de suas refeições, lá estão eles, os cães para também participar desse momento, mesmo que para Boum isso signifique banquetear-se com os restos do amigo Dog:

Les hommes noirs de peau sont volontiers gaspilleurs en temps de «sadéga». Ils jettent avec mépris aux ordures entrailles de cabris et de poulets. Heureusement qu'il était là, lui, Boum, pour accommoder leurs restes. (MARAN, 1941, p. 178)²³.

Como já vimos, esse também é o destino do cãozinho Djumá, que come os ossos da própria mãe, como sobremesa. Esse mesmo fato caracteriza a jornada de nossa representante brasileira, Baleia, como podemos ler no emblemático trecho em que ela e a família jantam seu amigo papagaio, “A fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto [...]” (RAMOS, 2013, p.9), acompanhada também do esquecimento que possibilita à vida seguir normalmente: a sobrevivência sobrepuja todas as recordações. A morte faz parte da vida e é preciso comer. A vida é resignação. Magrinhos, viviam do que conseguiam se apropriar ou caçar.

²² “Boum não se importava com estes ruídos muito familiares, estes estremecimentos obscuros. Ele estava com fome. Apenas uma coisa lhe importava: comer.” (MARAN, 1941, p. 157).

²³ “Os homens pretos de pele estão dispostos a ser desperdiçadores em tempos de 'sadéga'. Eles jogam fora as entranhas de caprinos e galinhas com desprezo. Felizmente, ele, Boum, estava lá para preparar suas sobras.” (MARAN, 1941, p. 178).

A *brousse* e seus habitantes: considerações a respeito dos animais na obra de [...]

Outro ponto que compõe essa caracterização é a simbiose entre essas personagens e o ambiente em que vivem: a alternância entre abundância e escassez reflete diretamente o meio-ambiente, em sua alternância entre cheias e secas. A caracterização geral dessas personagens, de modo geral, é fruto da vida sofrida no ambiente difícil em que viviam, das privações e provações pelas quais passavam nas estações em que as chuvas diminuíam proporcionalmente a suas chances de sobrevivência.

Essa escassez reflete-se nos cães por meio de sua magreza retratada em diversos trechos, em que a saliência de seus ossos sempre chama a atenção, como no caso de Djumá em que vemos, assim como em sua mãe, “[...] uma magreza extrema. Sua pobre carcaça sobressaía sob a pelle secca [*sic*].” (MARAN, 1955, p. 22). A mesma magreza se percebe em Boum, uma vez que “[...] *on ne le nourrissait guère que de vent, ses côtes saillaient d’ordinaire sous sa peau.*” (MARAN, 1941, p.155)²⁴. E em Baleia que “[...] mostrava as costelas através do pelo escasso [...]” (RAMOS, 2013, p.48).

Além dessas caracterizações físicas das personagens e sua conexão com o ambiente em que vivem, podemos rapidamente lembrar que esses cachorros também guardam outras semelhanças ao longo da narrativa. Como Djumá e Boum, Baleia guarda a questão da caça, fato pelo qual a parceria entre humanos e cachorros chega a seu auge.

Outra semelhança que vale a pena ser citada é a questão da linguagem: todos os três compreendem bem a linguagem humana, apesar de não serem compreendidos. Boum é o único que pronuncia algo efetivamente, já Baleia e Djumá vivem, ou melhor, expressam-se somente pelo discurso indireto livre, ainda que sejam todos, assim como Baleia, “sabidos como gente”. Entretanto, como pudemos notar, a vida desses animais segue sendo uma vida não humana, ou pelo menos a vida daqueles que não têm a possibilidade de ser considerado humano.

Conclusão

Para concluirmos brevemente esta proposta de análise das personagens caninas na obra de René Maran, gostaríamos de salientar que, apesar de todas as polêmicas envolvendo sua obra e suas escolhas pessoais, buscamos trazer para este trabalho uma leitura que parte do ponto de vista de para quem ele escrevia e

²⁴ “[...] não o alimentavam com nada além de vento, suas costelas geralmente se projetavam sob sua pele.” (MARAN, 1941, p.155).

como os animais não humanos mais especificamente os cachorros, podem ser uma forma de expressão, fragmentada, de uma realidade de comunidade híbrida, em seu equilíbrio, rompido pela chegada daqueles que se consideram essencialmente humanos. Buscamos também apresentar um percurso interpretativo que parte das relações entre as personagens e o espaço em que estão inseridas, ou seja, de como o meio-ambiente, aqui a própria *brousse* e a caatinga alagoana, contribui para a caracterização das personagens. Por fim, tentamos aproximar essas personagens característicos de uma literatura de África e de América, que pode representar, para nós, não só os elos que unem esses dois continentes, mas também uma marca do conceito de guianidade nas obras de René Maran.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à organização do *CLEF (Colóquio de Literaturas e Estudos Francófonos): René Maran e a Guianidade*, Prof. Dennys Silva-Reis e Profa. Danielle Grace de Almeida, por proporcionarem essa troca tão rica a respeito da obra de René Maran.

THE BROUSSE AND ITS INHABITANTS: DISCUSSIONS ABOUT ANIMALS IN RENÉ MARAN'S WORK

ABSTRACT: *This paper has resulted from a series of round table presentations as part of the celebrations of the 100th anniversary of René Maran's Batoulá, which had the goal to disseminate the writer's work in our country. The purpose of this article is to analyze the representation of animals, mainly of dogs, in the author's work, especially in the novel Djouma, chien de brousse (1927) and in the novella "Boum, le chien et Dog, le bouffle" (1941). In the theoretical framework, we have focused on the representation of animals and on the closeness between human and non-human beings, according to Maciel (2016), Milanesio (2020), Asaah (2008) and Constantini (2007). When we concentrated on the representation of dogs and on their relation with other beings in the narratives, we found a resemblance between the dogs and other dogs in Latin-American literature, especially to the female dog Baleia, a character in the novel Barren Lives (Vidas Secas, 1938). Accordingly, observing such closeness and the representations analyzed, we have noted the symbiosis between dog and human, beyond the mechanisms of the construction of the characters. We have also observed how such bond is part of the very constitution of the canine characters.*

KEYWORDS: René Maran. "Boum, le chien et Dog, le bouffle". Djouma. Zooliterature. Dog. Vidas Secas.

REFERÊNCIAS

- ASAAH, A. H. Au nom de bonnes bêtes: réflexions sur l'inscription des animaux dans la littérature africaine francophone. **Francofonia**, Cádiz, n. 17, p.31-47, 2008. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29511612002>>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- BLESSON, F. S. René Maran et la nature: essai d'analyse historique de deux Bêtes de la brousse. **Interculturel Francophonies** - René Maran : une conscience intranquille, Lecce, n.33, p. 75-85, jun-jul 2018.
- CARTRY, M. Les bois sacrés des autres : les faits africains In : **Les bois sacrés** : Actes du Colloque International (Naples 1989). Naples : Publications du Centre Jean Bérard, 1993. p.193-208. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pcjb/354>>. Acesso em: 2 jun. 2021.
- CHAUMEIX, A. La randonnée de Samba Diouf. **Le Gaulois**, 20 maio 1922. p.4. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k539064s>>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- CONSTANTINI, A. Des chiens et des hommes: de la métonymie individuelle à la métaphore collective («Les chiens» haïtiens de Francis-Joachim Roy et les autres). **Interculturel Francophonies** – le roman haïtien. Lecce, n. 12, p.77-121, nov-dez. 2007.
- MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- MARAN, R. **Djumá, cão sem sorte**. Tradução de Aristides Ávila. São Paulo: Cultura Brasileira, 1955.
- MARAN, R. **Bacouya**. Paris : A. Michel, 1953.
- MARAN, R. **M'Bala, Péléphant**. Illustrations de André Collot. Montréal: Ed. Arc-en-ciel, 1943.
- MARAN, R. **Bêtes de la Brousse**. Paris: A. Michel, 1941. (version en-ligne).
- MARAN, R. **Le Livre de la brousse**. Paris : A. Michel, 1934.
- MARAN, R. **Batouala**. Véritable roman nègre. Paris : A. Michel, 1921.
- MILANESIO, L. La critique environnementale dans les récits animaliers de René Maran. **II Tolomeo**, Veneza, v.22, p.169-186, 2020.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. 120.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SCHEEL, C. De Batouala à Bacouya le cynocéphale : le Cycle de la brousse africaine de René Maran. In : COLLOQUE RENE MARAN. Organisé par la Collectivité Territoriale de Martinique. Fort-de-France, 2021. Disponível em:

Rosária Cristina Costa Ribeiro

< https://www.academia.edu/47777621/De_Batouala_%C3%A0_Bacouya_le_cynoc%C3%A9phale_le_Cycle_de_la_brousse_africaine_de_Ren%C3%A9_Maran > . Acesso em: 14 jun. 2021.

